

QUINTA-FEIRA
Lisboa--9 de Setembro -1926

5 TOSTÕES



sempre **18**
five *St. fur.*

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 195
RUA DA ROSA, 57

A pesca espanhola nas nossas costas



--Estes "chinchês" já me vão fazendo muita comichão. Se me irritam a pele, vai uma "çoçadela" que nem a alma... de Dios se lhes aproveita!



Os ditos da semana



A questão da pesca, que de vez em quando surge na ordem do dia, é muito delicada — diz-se.

Qual delicada...

É uma questão tão simples e tão natural que até permite que se brinque com ela, sem perigo de irritações diplomáticas.

Os espanhóis, pescadores tão bons como os nossos, diga-se sem favor, vem pescar às nossas costas, e os pescadores portugueses barafustam, queixam-se, arripiam-se, e no Terreiro do Paço não ha maneira de tomarem a sério as suas queixas.

Claro que se fossem os portugueses que se metessem a pescar nas águas espanholas já tinham apanhado uma lição, honra seja feita aos seus pescadores.

E era bem feito.

Cá, os galeões espanhóis veem, vão, pescam, vendem, são apreendidos lá uma vez por outra e como os barcos só estão presos 24 horas, no outro dia — arroz queimado. Espanhóis a pescar nas nossas águas.

Parece que isto vai acabar porque os galeões apanhados na candonga ficarão presos para o resto do ano.

Simples! Haverá nisto alguma coisa de delirado, internacionalmente?

Nada. Os espanhóis, que são a melhor gente do mundo, ficam com o direito de fazer a mesma coisa — e adiante.

E adiante... Aqui vai uma

Entre financeiros



—Emprestas-me dez tostões?
—Não posso meu velho! Os bancos agora não descontam nada.

historieta para provar o espirito dos pescadores algarvios, cuja unica sabedoria—dizem eles—é o céu e o mar.

Com muitos engenheiros oceanograficos e abalizados homens da pescaria scientifica, organizou-se ha tempo uma Companhia espanhola e francesa para pescar nas aguas de Marrocos, por processos scientificos.

Os portugueses não foram convidados e deram ás do demo pela desconsideração.

—Que raio! Tanto sabio para apanhar o peixe... Pois se a sardinha não se entende senão com a gente, para que diabo é que não nos chamaram?

Foram as artes novas e scientificas para o mar, com os engenheiros, os sabios e os processos novos.

Novos—e nada.

Rêdes vazias.

Ora na noite em que se soube do fracasso, os algarvios vão para o mar e, fazendo ao contrario dos sabios, interrogam as estrelas e as ondas e deitam as rêdes num sitio «onde tinha que haver peixe por força».

Foi um sucesso. Então, no silencio da faina, ouvia-se o arrais, á pópa, falando sósinho para os cardumes:

—Ah sardinhas! ah maganas! Nós cá sempre dissemos que vocês não nos atraíam com os «engenheiros». Ah! ricos amores do mar! E querem eles as seis milhas da gente. Nem que eles tivessem o mar todo, maganas do nosso coração!

E mandou abrir as rêdes para que o peixe fugisse e fosse contar aos franceses e aos espanhóis que não ha sardinha no mar que se preze de saber ser sardinha que queira outra rede que não seja a rede portuguesa.

Uma anedota infantil.

Um pai fazia um sermão, sobre qualquer assunto grave, a um petiz seu filho, que o não estava ouvindo com muita atenção:

—Mas tu ouves o que o teu pai te diz; tu ouves?

E o petiz:

—Ouvo, sim, eu cá ouvo.

Tonel de Diogenes



Espera mais alguns Dias... que o Ferreira bate o malho.

—Ouvo, não. Ovo é de galinha. Ouvo é que se diz.

—Osso; mas osso não é tambem de galinha?



Como teremos ocasião de dizer aos nossos leitores, o *Sempre fixe* vai abrir uma campanha de moralidade, subordinada á divisa: «Salvemos os rapazes».

A humana e patriótica campanha do nosso presado colega *Diario de Noticias*, «Salvemos as raparigas»—iniciativa com a qual não é licito brincar—, deve ter uma contrapartida: «Salvemos os rapazes das raparigas».

Trataremos o assunto á larga. Por hoje queremos dizer que se projecta um grande campo de concentração para os rapazes perdidos, e que vai ser instalado na vila da Nespereira.

Este assunto dos rapazes em transe de se perderem não é dos menos graves do que o das raparigas, e que, por ser muito serio—esta dos raparigas— não cabe na indole do nosso semanario.

«Salvemos os rapazes!» — tem de ser o grito colectivo. E quando estiver conseguido o campo de concentração, põnha-se á entrada, para quem for por ali distraido, este lereiro:

«Perigo de arte moderna.

Salve-se quem puder.»

Noutros tempos



— Ah! tio Manel... Se vomecé visse as minhas melancias aqui ha vinte anos!
— Olhe que os meus melões não lhe ficavam atraçã...

CULINARIA JORNALISTICA

Um ovo por um artigo

Luis C... batia o «record» da boémia e dos cafés com leite. Vagamente jornalista, nunca conseguiu um emprego em redacção; vagamente escritor, nunca gosara a volúpia de ver uma obra sua em scena; vagamente romancista, os seus livros só conseguiram uma tiragem de dois exemplares quando ele os escrevia a papel químico.

E assim, a sua vida exigia maior equilibrio do que se andasse a fazer proezas num fio de arame. O seu unico alimento era o café com leite. Havia dez anos que tomava café com leite de manhã, de tarde, de noite, á hora em que devia almoçar, que devia jantar, que devia ceiar.

Rondava as portas dos cafés e, logo que via entrar um conhecido, ia-lhe na pegada, abanava e pedia:

—Café com leite!

Segundo os seus calculos, devia ter ingerido, em dez anos, perto de cincoenta mil cafés com leite.

Mas a sorte nem sempre é negra— e um dia encontrou o sr. X. T., cavalleiro da illustre casa dos analfabetos e proprietario de um diario que saia varias vezes ao ano e exclusivamente destinado á *chantage* e a outros generos de industrias tipo Palma Cavalão.

X. T. era alto, espadado e usava uns ares de protector severo mas nobre.

—Ouça cá... Sei que você está desempregado... Quer vir fazer a minha gazeta?...

—Isso seria canja! exclamou Luis.

—Canja ou melhor do que canja...

—retorquiu X. T.—Já lhe previno que fica todo o original a seu cargo. O senhor tem de o escrever da primeira á ultima columna. Encontre-se todos os dias comigo, ás duas da tarde, no Leão d'Ouro. Já sabe... Escreva tudo: fundo, cronica, folhetim, ecos mundanos, reportagem: tudo! Eu dou o papel e a tinta... E pagolhe... pago-lhe... Olhe: dois ovos fritos! Serve-lhe?

E Luis C..., lambendo os labios, exclama:

—Oh! se serve!

A's duas em ponto, entrava no restaurante. X. T. já lá estava com o papel, com a tinta—e com o bengalão. E Luis, suando por todos os poros, rabiscava, durante três horas, dezenas de quartos de papel.

—Já chega?

—Ainda não chegou ao peso...

E por fim, ao darem as cinco:

—Pronto!

X. T. batia as palmas e ordenava: para o criado:

—Traga dois ovos para este senhor...

Ha dias, Luis C... entrou desesperado no Sindicato dos Jornalistas. Chispava de colera.

—Isto é uma infamia! Não ha camaradagem, não ha lealdade, não ha coisa alguma...

—Mas o que foi?

—O que havia de ser? Apareceu alguém para fazer o jornal só por um ovo frito—e eu, já se vê, fui despedido!



por um "lunatico,, de lunetas

Meu caro «Sempre fixo»:

Esta carta da lua bem poderia ser do sol... Estaria mais certa e teria mais propriedade. O carro de Apolo, roçando pelo espaço, aureo e radioso, chispando lume, torrando a terra, tem uma decidida influencia nos usos e maus costumes de Portugal. E' o sol que engendra as cabeças... de vento... E com o vento a favor, a labareda torna-se fogueira. O fogo das paixões tem o seu inicio neste começo de incendio. Mudado o portuguezinho valente para a Libéria, não deixaria de ser valente, mas tornar-se-hia mais frio e pautado... trinta e cinco linhas. Os raios solares que amadurecem os frutos mais ou menos prohibidos, tornam os portuguezes... maduros. E esta madureza dá-lhe para serem impulsivos e exaltados... A mulher, animalinho muito semelhante ao homem e que hoje, á vista... desarmada, apenas tem a diferenciála e cabelo mais curto e a lingua mais comprida, foi biblicamente dada ao dito homem, em geral, para ser sua companheira na vida. Para os portuguezes, em particular, a mulher é o seu constante pómo de discordia... E' o pómo... de Adão que trazem sempre atravessado nas guelas...

Já o meu velho amigo e correligionario, o padre Antonio Vieira, dizia: «O ciuime é a brotoéja do coração; quanto mais se coça, mais comichão produz». Do ciuime nasce o crime passionnal... E assim, todos os dias, os jornais noticiam tragedias de arrepiar os cabelos... a um carrea... E' o namorado que por ciuimes mata o rival e a bem-amada. E' o *chulo* que dá cabo do canastro á amazia. E' o marido atraído que, furioso, lava... e engoma em sangue a honra manchada... E' ainda vulgar ser o amante que assassina... o marido.

A pistola e a navalha são as armas destes cegos... de amor. Cosem-se, dôcosem-se e alinham-se á facada... Furam-se e perfuram-se a tiros de revólver. São cabidelas e picados de carne humana que despertariam o apetite ao mais fastioso canibal da Oceania. E isto tudo devido ao ast'o radioso, que os esquenta e abraza. E'

elo que obriga os maridos e os caracois e põem os pausinhos... ao sol.

E' ele tambem que, influido no temperamento de certas damas, as obriga a tomar amantes como quem toma cervejas... para refrescar...

Entre os ultimos crimes passionais que deram brado, foi o caso da Cosia do Castelo que mais celebre se tornou. Nesta tragedia não foi o marido que matou, pelo contrario foi morto... Recordemos a historia... O Saturnino era feliz na companhia... do Gaz, onde era empregado, e na companhia da Angelica, com a qual era casado. Quiz o destino fatal que e Elias, antigo condiscipulo do Saturnino, começasse a frequentar o lar da Costa do Castelo. O Elias, muito amigo do Saturnino, amigo foi da Angelica... Num belo dia... de anos do Saturnino, o Elias brinda-o com noventa e cinco facadas e, de cumplicidade com a Angelica, enterrou-o numa panela de um mangerico que havia na sacada... O cadaver começou a grelar e as senhoras visinhas, que dão *ff de tudo* (neste caso o felôr era grande) deram parte á policia. O crime foi descoberto e o Elias preso.

Eu, que conhecia o Elias da redacção de um jornal de propaganda de adubos do Perú... e Galinha, surpreendido com o crime, fui ao Limoeiro visitar o assassino... Este, mal me viu, chegou-se á grade.

—Porque mataste o Saturnino? —preguntei-lhe.

O Elias, enrolando um cigarro, respondeu-me:

—Matei-o porque sempre fui um homem de bem! Eu, no cumulo da admiração, redargui:

—Por seres um homem de bem!

—Sim! Escuta! Eu e Angelica amavamos loucamente... Ela estava pronta a entregar-se... Eu, porém, não podia atraído um amigo! Então matei o Saturnino... Não achas isto razoavel?

—Descendo a Madalena, ia pensando:—O Elias deve ser absolvido... Se matou foi porque as suas susceptibilidades do homem de bem o levaram ao crime...

O "Cabaz de Morangos"

Revista em 2 actos, original de Lino Ferreira, Silva Tavares, Acurcio Pereira e Luna de Oliveira, musica de Alves Coelho e Raul Portela

Pela primeira vez, vou transcrever, em critica, as opiniões deste e daquele, apanhadas aqui e acolá, ácerca do *Cabaz de Morangos*, reunindo á «clair» a voz do povo, que é como quem diz—a voz de Deus.

O primeiro acto agradou em cheio, disseram-me uns; o segundo mais fraco, mas bem.

Em qualquer deles, no entanto, faltam ligações e confirmações de saidas e grupos...

A applicação do 1.º acto é fraca para a força da peça. O guarda-roupa é agradável, não sendo deslumbrante. Se quem o fez, praticar no *metier*, do futuro... entera.

O numero da *Esquia* é, além do um mimo de execução um portento poetico e musical.

Todos vão bem na proporção dos seus recursos e a encenação, do modesto organizador daquilo tudo, o Clinaco, muito movimentada e interessante.



O actor Jorge Roldão

"Estrela, do Eden

Musica agradável.

Fui abraçado por um velho actor que assistiu á *première* e que me disse:—«Vê lá tu; algumas empresas maldernas só querem gente nova... Vai ver o Roldão, que rejuveneceu trinta anos e representou e so um actor que é!... Vai vê-o...»

Toda a nova familia de teatro, no Eden, deve estar satisfeita.

Os versos de Silva Tavares—os que se ouvem e já não é pouco—são deliciosos.

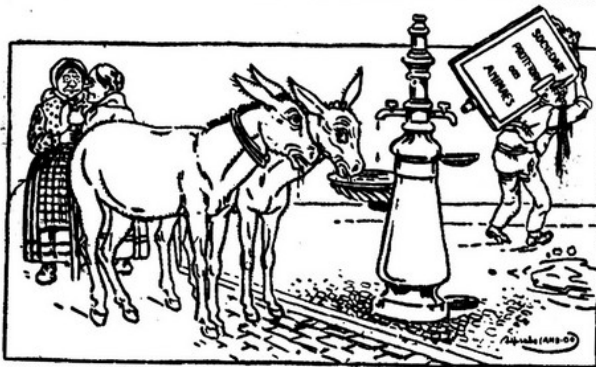
O publico começou outra vez a ouvir o isso já é um grande sinal evolutivo na frequencia de teatro.

Aos autores, os meus parabens.

E ora aqui está o que por ali so diz, não havendo duas opiniões em contrario.

Esperemos, agora, pela outra *première* daqui três ou quatro semanas: a da revista *Itocó*, a subir á scena no Maria Vitoria, que é igualmente condimentada com versos d' Silva Tavares, de collaboration com três *mes-tres* no assunto, e o que dela disserem escreverá o

Reporter B.



— A censura tambem corrou os quadros da Protectora.
— Que queres, se ella não permite que os animais saibam ler!

TEATRO

«RETROZ PRETO...»

NA nossa terra anda tudo de pernas para o ar. As boas peças aparecem no verão, haja em vista o que se está passando no T. N. e no E. T., e retiram no inverno. O publico tem tudo da chup... mas gosta do calor. E os artistas resolvem subitamente ter talentos—quando ninguém suspeitava de tamanha virtude.

QUANDO a peça tem sucesso: O primeiro artista afirma:—Se eu não estivesse...

O empresário:—Eu é que puz tudo isto de pé...

O autor:—Sim, mas se não fosse o meu nome e o meu talento!...

O ensaiador:—A peça não vale nada. As variações é que a valorizam!

O scenografo:—Ora! Ora! Já vimos scenarios mais lindos dos que aqui estão? Toda a gente fica encantada! E' o grande atractivo do espectáculo.

Só o publico—não diz nada. Afinal, se não fosse ele, o primeiro artista não brilhava; o autor não era aplaudido, o ensaiador não era chamado; o scenografo era esquecido... e o teatro mostrava as suas maravilhas a um deserto vago e sombrio de canteiras.

ANEDOTA autentica e antiga: O grande actor Santos Pitorra ia a miúdo ao estrangeiro. Quando voltava, vinha carregado de mercaderias artisticas. A guarda fiscal já por mais duma vez deitara a sua mão enluvada ás bagagens.

No regresso duma dessas viagens, coincidiu com a chegada a dum principe egipcio, que era aguardado, no Rossio, por personalidades illustres, entre ellas um empregado superior da Alfandega.

Este, ao ver descer do comboio Santos Pitorra, extravagantemente vestido, com veus na cara, por causa da poeira, e inumeras avalizes, avançou respectoso:

—Vous êtes le prince!

—Oui, je suis le prince!

Dessa vez, as malas de Santos Pitorra não foram abertas, com grande risota do director da Alfandega, quem contaram o caso.

HA teatros que tem o exclusivo dos melhores artistas.

Porque não arranjam tambem o exclusivo do publico, de que tanto carecem?

O Cabaz de Morangos foi um successo. Consta que José Climaco pensa era trocar o titulo da revista por este outro: *Melancolicos a Juiz!*

HA alguns dias que os teatros do Parque Mayer, atravez dos anuncios que publicam nos jornais, travam um espirituoso e misterioso dialogo.

O de baixo, T. V., começou:

— Não sei se me entendes... O resto são reticencias do aparelho Morse.

O de cima, M. V., responde:



O empresario Carlos Borges

—Isto com captivos, é que era uma minal!...

—Pois sim... mas eu prefiro o *Olival!*

De que se trata? Numeros novos? Se assim é, o melhor é fazerem um numero de conjunto em que Judas, como ha vinte annos, beijie galhardamente a face de Cristo.

O S. Luís, des congestionado de companhias estrangeiras, aguarda as

prometidas operetas de A. de V.

Uma franceza, outra espanhola e outra inglesa. Eis o que se chama uma salada russa para todos os paladaes.

COM o calor que tem feito, o *Bom-lim* derreteu-se no T. do G., mais depressa do que era para esperar. Agora vai a *Mosca de Milão*. Cuidado com o insecto. Voa tãõ

Galarim

José Alves da Cunha

Rude e fero, tem chegado a filar casas á cunha, como um moço de forçado quando vai pegar á unha.

Alma forte, genio ardente, pela arte vibra e chora, e faz tremer toda a gente se deita o peito para lóra!

Um borlista.



depressa que é capaz de deixar o teatro ás colegas...

DANTES não hav'a teatros, mas sobravam os artistas.

Agora sobram uns e outros.

Pelo Apolo passou o R. M., que, desiludido de ter tantos credores, foi passear para Paris, deixando nas Ruas... da amargura o empresario.

O Politeama está sem cartaz. Como bom filho á casa torna, é possível que R. M. para lá volte, arrependido de ter engeitado a paternidade sumarenta do Pereira.

A companhia de comedia E. I. e A. P. resolveu fazer um pequeno proprio teatral nos arrabaldes, pernolitando em Lisboa todos os dias.

Eis o que se chama servir a arte e o seu pais... em ida e volta e a pouca distancia!

A. P., jornalista e revisteiro, que fez uma estreia auspiciosa no *Cabaz de Morangos*, apresenta, brevemente, de colaboração, uma opereta intitulada *Principe Encantado*.

Será um papel para o tenor S. R.?

Que differença existe entre uma artista de 50 anos e outra de 60?—preguntou um dia o principe de Gales, mais tarde Eduardo VII. a uma celebre actriz franceza.

—Mage-tade! A resposta é simples. Quando tinha 50 anos, os meus cabelos eram brancos; agora que tenho sessenta—são todos negros.

O M. V. anuncia para breve um quadro de genero parisiense.

Exibição plastica?

Ha quem diga que sim.

Se cá em baixo, no F. T., Eva aparece com os seus encantos naturais, decerto que lá em cima Adão, adoptando a mesma limpeza de indumentaria, considerará que se deve combater o inimigo em todos os campos para que se não diga que engasgaram nosso pai com a maçã...

UMA das frequentadoras do T. V. é uma senhora sexagenaria, parenta duma artista a quem a beleza rendeu o seu culto, motivo sufficiente para ter bastantes admiradores.

A senhora do idade tornou-se notada pela vivacidade, alegria e boa disposição que poderemos chamar superjuvenil.

Como em teatro as alcunhas abundam, puzeram-lhe logo uma que rejuvenesce os aludidos 60 anos: *A menina do Variedades!*

O Homem das 5 horas

O PRATO DE SONHOS

13.º sonho

o de Rocha Brito

(empresário do Sá da Bandeira, Águia d'Ouro, Maria Vitoria, Eden e Parque Mayer)

No seu quarto ideal cheio de luz,
tal qual dum marajah, p'lo seu conforto,
teve o bom Rocha Brito, lá no Porto,
um sonho que em horror só se traduz!

—Não tinha ao seus captivos sequer jus;
as percentagens eram ponto morto;
tudo em teatro lhe corria torto,
do Parque ao Eden!... Que pesada cruz!!!

Visto, no céu, na sideral mansarda,
na imagem bela dum anjo da guarda,
viu appar'cer-lhe o amigo Carlos Borges!...

que disse, vindo: —Doime descausado,
que enquanto eu fôr o teu apoderado,
a massa não te falta nos alforges...

14.º sonho

o de Gil Ferreira

Fazia o Gil Ferreira uma sonáca,
após a vil tortura duma insonia,
quando acordou e disse: Escuta, Antónia,
que sonho levadinho duma breca!...

Eu foi olhado mau d'alguem marreca,
deitada na tournée pela parvonia,
cu estou, então, pior da cachimonia
em esta ideia fixa que me obsceia...

Disse-lhe a esposa: — Gil, meu querido
amoro,

o que sonhaste que te pôs affitof?...
—Sonhei que já havia o elevador

dos camarins até ao carrapito
do palco do Gimnasio!... Sim, senhor...
E' sempre ha cada sonho tão squisito...

15.º sonho

o do empresario

Bacelar

(da Trindade)

Fazendo contas, sempre a dedilhar,
fechado no escritorio da Trindade,
servou os olhos com serenidade
o nosso grande amigo Bacelar.

Não estava co'o teatro, etc, a sonhar,
mas, sim, com a suprema qualidade
das botas, hoje a sua especialidade
da Atlas, que ninguém pode igualar...

Tão fortes, elegantes e macias
que, sendo o país todo meu freguez,
os calos nunca sofre as arelias...

Se até conheço um tipo lá p'r'Algis
que, sem mudar as meias quinze dias,
nem as rompeu, nem cheira mal dos pés...

16.º sonho

o do empresario

Segurado

(do Campo Pequeno)

Entregue ás diabetes p'la soeira
em uma feia cana repimpado,
o empresario José Segurado
sonhava com o Luciano Moreira!...

Gratou pela mulher, pela soprira...
Chamou até a vizinha do lado
e, á porta, viu-se o peço aglomerado,
a causa a indagar da chinfineira!

Visto acordou, fazendo tal berrata
que parecia ter perdido o tino!...
mas serena e disse em voz sensata,

Que sonho tão ridic'lo e tão cretino!...
S. a logica não é uma batata,
su julg' ter direito a dar-lhe o ensino!

O' Mãe Cristo Neto.



Carta aberta ao Sr. Comandante da Policia

Sr. major Ferreira do Amaral:
Li ha tempos num jornal
Uma famosa noticia
Sôbre uma ordem muito original
Que transmitiu ao Corpo da Policia,
E que deu que falar na capital.
Dizia V. Ex.,
—Num rasgo de ternura heroico e lindo,—
Que, olhassem com indulgencia
Aquela mansa demencia
Que o Pinheiro maluco anda exibindo
Nas suas longas crises de eloquencia.
Mandava, nessa ordem que é recente,
Que deixassem o homem á vontade,
Expandir livremente
Esse verbo eloquente
Com que usa vergastar a toda a gente
Que passeia nas ruas da cidade.
Eu acho muito bem feito
Se lhe permita a colera insubmissa;
Porque não ha direito,
Com efeito,
Que alguém nos force a sufocar no peito
Palavras de verdade e de justiça.
Sôbre a Policia tenho a opinião
Da minha cosinheira Ana Felicia.
Que nutre na raiz do coração
Grande admiração
P'lo corpo da Policia.
Gosta de a vêr de levantada prôa
E espinha bem direita;
E roga pragas a qualquer pessoa
Que diga que em Lisboa
A policia é mal feita.
E é pela razão
De que ao povo tambem um tanto educo,
Que lhe pedia uma autorização
Igual á permissão
Que concedeu ao Pinheiro Maluco.
Pois então o Pinheiro tem direito
A' frase atrás, descabelada e dura,
E eu fico sujeito
Aos golpes da Censura?!
Senhor major, o povo já reponta,
Pois, sem me lêr, entende quanto perde;
E a Censura, p'lo que alguém me conta,
Não me deixa pôr pé em ramo verde,
Que me tomou de ponta.
Vá, que a Policia, por mandados seus,
Deixe falar um homem como aquele!
Mas porque me censura os versos meus,
Se sou, graças a Deus,
P'lo menos, tão maluco como ele?!

João Fernandes.



— Bem sei! Peso hoje mais porque mudel de partido.

SALVEMOS

OS RAPAZES!

Comentarios de José do Egypto

Os jornais mais serios e graves do territorio entremostram-se bastante apreensivos com o destino do sexo fragil. Dahi o portentoso e tetrico berro: *Salvem os raparigas!* A melhor maneira, melhor mesmo do que as concessões de recepção nas gares, constituídas por cavalleiros de sentimentos neutros,— é decretar o casamento obrigatorio e o divorcio nulo. Todo o cidadão português, preto ou branco, velho ou moço, é obrigado a consorciar-se, meio minuto depois de chegar a Lisboa qualquer franga ou galinha da provincia, que ainda não tenha sido depenada. Adoptada e observada ferocemente esta lei, o *Diario de Noticias* e o *Diario de Lisboa* crearão pensões e pecias e bem remuneradas para todas as raparigas salvas, ao mesmo tempo que será intituído um premio de virtude e paciencia, que poderá denominar-se *Men'cu II*, para es here rapazes que cam esta especie de instrução militar preparatoria do casamento.

Até aqui muito bem. O *Sempre fixe* concorrerá para, todos os premios, jassand mesmo o respecti o diploma, irremotavel nos viuvos e sinistra-
'os conjugais.

Salvem os raparigas! — dizem os grandes diarios. O *Sempre fixe*, porém, como é um jornal de humor imparcial democratico, mesmo quando ele não existe, resolve, democraticamente, gritar: *Salvem os rapazes!*

Se os jorn i conseguem, de facto, salvar as raparigas, o numero dos rapazes... perdidos aumentará consideravelmente. Vamos ter suicidios, raptos, ataques de loucura! As farmacias deixarão de vender as suas especialidades! A natalidade diminuirá terrivelmente! As criadas declarar-se-ão em greve ao saber que o filho do patrão pertence á liga anti-feminista A G. N. R. talvez se manifeste, por falta de viveres, e o poeta Boto dará a luz mais um poema de negra e posterior tragodia.

O comandante Ferreira do Amaral, de prevenção tanto do dia como do noite, criara uma brigada especial de h'giene publica: córte de cabelo á es-covinha.

E' possivel que este regimo da lei s'ca do amor dê pessimos resultados. Depois dum ano de forçada esterilidade... haverá um pavoroso movimento das mulheres contra os homens, em virtude de estes terem roubado os seus direitos para se enfeitarem com eles.

O papão do Cabo Inglez



ou o Cabo das Tormentas na linha de Cascais

NA PRAIA

NORBERTO DE ARAUJO

*Ele: quem o iguala
Nessas crônicas ligeiras,
Em prosa que nos embala,
E faz ser de grande gala,
A's vezes, as Quintas-feiras.*

*Reporter das aventuras,
Dos casos sensacionais,
Entre varias diabruras,
Inovou as miniaturas
No formato dos jornais.*

*A historia mais singela
Da rua, veste-a de encanto,
Torna-a romantica e bela,
Transformando-a em novela
Do amor humilde e santo.*

*Matra para e mar se assoma,
E por um dito de guerra,
Ele fez—não julquem bromat—
Que os portugueses em Roma
Vissem «Matras» em plena aserran*

*Fugindo a estes calores
Que mostram tanto arregaço,
Caparico o tem, senhores:
Varanda dos meus amores,
Tidos em jato de banco.*

*Uma coisa o arreliu:
Ver a prosa censurada
Por quem—que sensaboria!—
Fiz do Antonio Maria
Uma... vinha vindimada.*

João Triste.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Horario dos comboios

3. Aditamento ao cartaz-horario D. 180

Rapidos entre Lisboa e Porto

A começar em 5 de Setembro proximo futuro e até aviso em contrario, passam a efectuar-se aos domingos os comboios rapidos n.º 55 e 52 que circulam entre Lisboa e Porto, donde partem respectivamente as 17,30 e 8,07 e cujas marchas são as annunciadas no cartaz horario D. 180.

Lisboa, 27 de Agosto de 1926.

O director geral da Companhia
Ferreira de Mesquita

E' de uso dizer-se que a tourada é um espectáculo de sol e moscas.

Pois a corrida que na passada quinta-feira se realizou no Campo Pequeno foi só de moscas—porque as moscas se encontrava o vasto circo.

Sol não honve—além doutras razões, por ser de noite...

Foi o cartaz bem organizado, e havia até quem previsse uma enchente. Mas a falta de interesse do publico, que aumenta continuamente, e a ventania que soprou toda a noite, fizeram com que quasi toda a população ficasse em casa, a saborear, entre gotadas de café, o nosso papásinho *Dia de Lisboa*...

Jose Filipe Neto Rebelo, lavrador de nomeada, mandou-nos seis touros das Caldas. E diga-se em abono da verdade que um touro exquisito, e dois mansos que saíram para D. Ruy da Camara e João Nuncio, não conseguiram manchar-lhe a divisa. O primeiro, segundo o ultimo eram tão bravos que até o publico se admirou deles virem ao Campo Pequeno.

E depois, tinham mesmo cabeça de touros, não apresentando nenhuma semelhança com uma especie de boi.

Os quês de uma linda tripeira

*Que veste bem as modas de Paris
que tanto o olhar como o sorriso, atrain,
que, se na rua descuidada vai,
sente-se um homem, só de a vêr, feliz...*

*—Que posta num altar, sob o matiz
das flôr's, ouvir-se-ha. —E' santa! Orat!...
Que, por ela, eu matava até meu pai,
visto que Deus seria o meu juiz...*

*Mas... ha um mas que em tudo predomina
e que destroi a minha embriaguês...*

—Não basta o teu olhar e, na pel' fina,

sadia a côr ou bem calçados pés...

*—E' que, ao abrir's a boca pequenina,
tu trocas—Santo Deus!—os bês por vês!...*

Zé Brihosa.



— Mas tu agora começa a exagerar! Isso já não é a "Garçonne".

— Não, desta vez cortei mais curto, á Prata Dias...



Uma corrida para as moscas

nhos que nos costumam aborrecer, domingo sim, domingo não, no primeiro redondel do país.

Um dos atractivos da corrida era a vestimenta dos azes da cavalaria—D. Ruy—D. Nuncio—que pela primeira vez aparecia em praças portuguesas, depois de se ter mostrado por Espanha.

Apesar do nosso amigo e excelente companheiro de varias partes Alberto Rosado, emberrar com o fato, dizendo que não pode ser um cavaleiro vestido de *sabreiro*, devemos confes-

sar que a iniciativa dos dois grandes artistas merece os maiores elogios.

Primeiro—por se tratar dum traje português, do unico adaptavel ao toureio.

Segundo—por quererem fugir o mais possivel á casaca franceza e ao «corço» espanhol, á maneira de Cañero.

De resto, o traje não prejudica a linha estetica do cavaleiro e dá um caracter de campo que a corrida nunca deve perder.

Tratados os touros e a indumentaria, falemos agora do pessoal.

DE FARO

O CASO DA SEMANA

*Ao Armando—bom rapaz!—
Disseram que o tema chic,
Mais usado e eficaz,
No exame que se faz
Para guia dum Buick,
Estava na... marcha atrás.*

*E é vê-lo com gulhardia
juando p'lis ruas fora,
Marcha atrás de noite e dia,
Marcha atrás a toda a hora.*

*Parava... mas de repente,
Sempre teimoso e acaz,
Erremetia p'rá frente
Na prova da marcha atrás,
Com ganas de ser o az
Naquela prova eminente.*

*Mas veio o exame... e záz,
O professor, com deplante,
No ponto da marcha atrás
E' que passou... adiante.*

*E o pobre Armando, cotado,
Em vez da prova brilhante
Que o trazia entusiasmado,
Passou um pessimo instante:
Quasi fica reprovado!*

E resmungo, desolado:

*«—Para meu maior vexame,
O professor, perspicaz,
E' que me fez... marcha atrás
Nas perguntas do exame.»*

J. T.

Sortes grandes?

só o PINA as vende
75—Rua de S. Paulo—77

Rapidos entre Lisboa e Porto,
aos domingos

Devido ao extraordinario movimento de passageiros na linha do Norte na presente quadra do ano, a Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, resolveu pôr em circulação aos domingos os comboios rapidos n.º 55 e 52 entre Lisboa e Porto donde partem respectivamente ás 17,30 e 8,7.

Escusado é salientar a vantagem que representa para o publico este novo serviço que começa já no proximo domingo, 5.

D. Ruy da Camara e João Nuncio, tourearam a duo dois mansos: o que lhes cabia e o que Saleri, entre aclamações, lhes cedeu. Tanto um como outro não queriam nada com os cavaleiros, mas estes, apesar disso, trabalharam com inteligencia e vontade, cravando bons ferros compridos e curtos superiores.

Jose Tanganho e Ricardo Teixeira tourearam no seu estilo o mais bravo da corrida e foram aplaudidos, tendo o primeiro demonstrado que não é indifferente o viver sempre ao lado de Vitorino Froes.

De Saleri, custa-nos muito a dizer que não nos deu ideia nenhuma do grande toureiro que foi Saleri. Tu3o tem o seu tempo.

Da rapaziada nacional de pé, m que falar de Custodio Domingos, J. Rocha, F. Segarra, Fernando Henriques, Julio Procopio e Joaquim Oliveira, que cravaram pares em todos os estilos e de todas as maneiras.

O Manoel dos Santos dirigiu a Fde com o bom humor de sempre—e os foreados levaram a sua conta...

Meno Sabio.

MODERNISMOS

Carta do Gil á Lulú

Lulu.

Desde que ao volante
Do teu lindíssimo carro,
Tu, risonha e petulante,
Me ofereceste um cigarro,

Desde então não mais te vi,
F andei a semana inteira
Sempre á procura de ti
na Chic e na Brasileira.

Eu diria:—Debandaste...
Mas isso é á moda antiga,
Agora direi:—Cavaste
Nos braços de alguma amiga.

Hoje ainda não começo
A tratar-te por você...
Traz-me perdido o progresso,
E queres saber porquê?

Eu acho deliciosos,
Dum sabor bem feminino,
Os sonetos amorosos
Da Virginia Vitorino.

Tu, dando certos indícios
Dum desejo reservado,
Entregaste toda aos «fícios»
Da Dona Beatriz Delgado!

No barbeiro do bom tom,
Onde vais com a Ivone,
Corta o cabelo á Garçon,
Depois... será á Garçonnel!

Gostava agora que visses
Meu amor, mas não a rir,
Algumas das pieguices
Que tenho para vestir:

E' de cambraia a camisa,
Fina, leve, vaporosa,
Dando lugar a que a brisa
Me oscule a cutis mimosa.

Jaquetão curto, ajustado,
Destacando bem no rulto
Certo sítio arredondado
Que devia estar occulto...

Um horror, minha querida!
Agora outro disparate:
Para andares bem vestida
Já vais ao meu alfaiate!

E eu, preso a estas maçadas,
Se quizer, por mão de artista,
Umhas calças bem tailhadas,
Trei á tua modista!

Já viste na alta roda
Que pelo Chiodo brilha
As calças da grande moda?
Que corte! Que maravilha!

E' das coisas bem lançadas
Nestas épocas modernas;
Foram, decerto, inventadas
Para quem tem quatro pernas!

De tal largura que, quando
Eu der á perna nas valsas,
Tu ficarás duvidando
Se são saias ou são calças!

Assim, verás que nas praias
Explode a troca, sem dó,
Por eu vestir duas saias
E tu, menina, uma só!

—Não é que por tal me tomem—
Mas convenco-me, Lulu,
Que eu apesar de ser homem
Sou mais mulher do que tu!

Eis que passou, neste instante,
O teu carro a buzinar,
Láias tu ao volante
E nas horas de estalar.

Dir-me-has depois, sem lamentos,
Porque é chic, e muito, até,
Quantos atropelamentos
Registas no teu carnet.

Adeus! E para proares
Que és boa, meiga e gentil,
Faz por não atropelares
O teu amiguinho

Gil.

Pela copia,
João Pisco.

NEURASTENICOS

PRECISAM-SE

Carta á Agence Spirit. 5.ª Avenida, New-York

Meu caro «Sempre fizem»:

Escrevo-te do alto do 69 andares,
no meu appartement de Nova York.

Esta visinhança com o céu e a saudade do Lisboa fizeram-me pensar em Portugal e na astrologia e cheguei a descobrir esta sintese preciosa: O nosso país está sob o signo de Cancer, que, como tu muito bem sabes, se exprime no Almanaque Borda d'Agua com o desenho de um caraquejo. Isto aqui é muito diferente. Imagina que até aqui temos um Instituto de Orientação Profissional, para uso de neurastenicos e seus derivados nervosos.

Nesse instituto, um individuo magro como tu e com os nervos de que ás vezes te deixas psuuir, obteria um diploma de neurastenic de 1.ª classe, que te daria ingresso numa vantajosa situação economica e filosofica.

Entre os neurastenicos catalogados figuram riquissimas aptitudes para sonambulos, magnetizadores, empregados na adivinhação dos males do espirita, no apaziguamento de manias de cães e macacos e nas manias de vacas que n' querem dar leite.

Devo a uma destas agencias a minha felicidade. A' agencia e a minha incuravel neurastenia, ahí tão mal paga, quando a punha a render em sonetos e outros nervosismos literarios.

Uma tarde estava em espirito o que o Luis de Montalvão chamava a neurastenia negra. Dominavam-me estranhas obsessões. Tinha ido até ao Cais da Arca, em passeios venatorios á beira-rio, quando me assaltou o desejo de me suicidar, afogado, desaparecendo por uma torneira do Chafariz do Rei. Felizmente, o Carlos Pereira tinha fechado a agua e resol-

vi afogar o meu pobre tédio em garrafas de cerveja. Entrei no botequim onde ás vezes apparecia aquelle majuco que sabia falar inglês. Eu estava intratavel; tinha uma destas cirras que nós ahí usamos em Lisboa quando nos recusam um vale. Um cavalheiro britânico com cara de Sherlock-Holmes olhou para mim, quiz meter conversa e, com a ajuda do maluco que o cavalheiro inglês decidiu-se a minha fuga para a America, que tanto preoccupou os nossos amigos da Brasileira.

—O senhor é verdadeiro neurastenic?

—Ora essa! Pois duvida?

—Que neurastenia tão mal empregada...

Inquiri se o neurastenic também poderia ter um emprego publico e o homem disse-me que sim. Falou da agencia de fornecimentos de mediuns, propôs-me um contrato e abalei. Aqui tem a historia.

Como tivesse dito que, em Portugal, andavam os neurastenicos aos pontapés, o director da agencia, para estabelecer concorrência e baixar os preços, vai mandar pôr nos jornais portuguezes o seguinte annuncio:

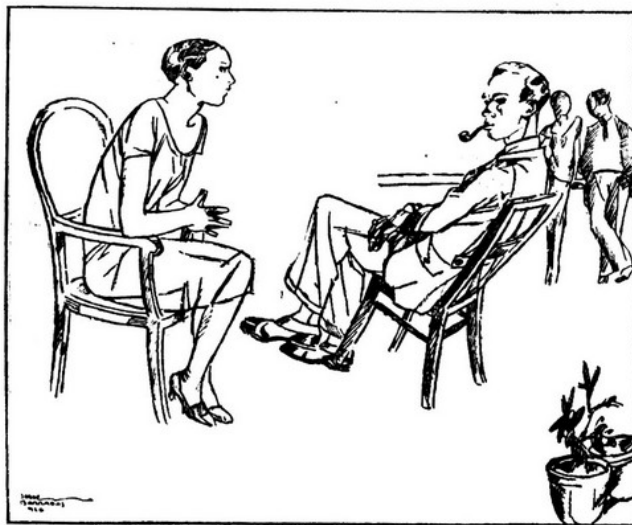
«Neurastenicos precisam-se. Carta á Espirita of Agence.»

P. S.—Acabo de saber que tenho do voltar a Portugal. Como me pagavam muito bem, com letria e engordei. Deixei de ser neurastenic. Perdi as facultades de medium. Vê tu o que eu perdi em não continuar a ser neurastenic. Aproveita.

Ten,

V. Claro.

ELEGANCIAS



--Gosta da musica de Berlioz?
--Nem por isso minha senhora! Gosto mais
de Berliet.

A Parede

tambem quer ser Estoril

Uma representação

Os habitantes da Parede (não confundir com ratos e lagartixas), tendo tido conhecimento, porque as paredes tem ouvidos, de que á sua colega e vizinha Cai-Agua, que Deus tenha, foi concedida a graça de mudar de graça, vem junto de V. Ex.ª ponderar o seguinte:

A região estorilense não foi, até hoje, convenientemente definida, tanto se podendo considerar Estoril, os Estoris propriamente ditos, como todas as terras que lhe ficam visinhas, bem como ainda todas as visinhas das suas visinhas, visto que o sol quando nasce é para todos, o que pode permitir o alargamento da referida região até aos confins do mundo.

Seria mesmo indecoroso e indigno de uma terra moderna e civilizada pretender marcar limites onde a natureza, em sua alta sabedoria, os não marcou, estabelecendo que os Estoris, ao contrario da Patagonia, occupam uma zona certa e determinada do mapa-mundi, prejudicando assim os interesses dos povos, a concepção da geografia e a velha afirmação da sabedoria das nações de que *le monde marche*. Se os Estoris não pudessem marchar até onde lhes desse na gana, a sabedoria das nações não saberia coisa nenhuma.

Estoris são, pois, todas as terras da beira mar, onde o sol faz favor de dar luz e calor e onde as correntes maritimas permitem a acumulação das areias com que se fazem as praias de banhos, depois de construidos os competentes hotéis e casinos e depois de conscienciosas e demoradas experiencias de aclimação do *flirt* e do ramoro, por técnicos abalizados.

A Parede é uma vedação, um obstaculo á livre expansão de generosas aspirações, um rodoto sem nenhuma applicação pratica, no nosso tempo, principalmente depois que não cai agua e não ha, portanto, a materia prima com que se amolece o barro que é costume atirar á dita.

Nestas circunstancias e em virtude do exposto, veem os habitantes da Parede pedir mui respeitadamente a V. Ex.ª que o nome da sua povoação seja apeado e substituido pelo de S. Paulo de Estoril, visto que este santo, além de não ser menos evangelista do que S. João, que já tem um Estoril, não é menos digno de homenagens do que os seus colegas S. Pedro e Santo Antonio, comprometendo-se solenemente a demonstrar, no mais curto prazo, que também tem areias propicias á cultura do *flirt* e artes correlativas.

Se o pedido for atendido, como é de toda a justiça, terá o governo praticado um acto que só o prestigio o fortalece e tornar-se-ha crédor das simpatias destes povos, que o julgarão, desde esse momento, rival do Deus Nosso Senhor, que era quem até agora mantinha o monopolio de fazer e desfazer terras, embora pelo velho e incomodo processo do terramoto, que já devia estar inteiramente posto de parte, ao passo que o governo do que V. Ex.ª é illustre ornamento conseque os mesmos fins com duas penadas e um decreto com força de lei.

Pedem deferimento,

(Seguem-se 10.000 assinaturas).

